

**A CARREIRA NO LAZER: UMA POSSIBILIDADE A PARTIR DA
PERSPECTIVA DO *SERIOUS LEISURE***

Recebido em: 11/11/2015

Aceito em: 18/05/2016

Saulo Neves Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul/University of Calgary
Porto Alegre – RS – Brasil

Johannes Doll

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre – RS – Brasil

RESUMO: O artigo propõe a apresentação do conceito de carreira no lazer como uma possibilidade a partir da Perspectiva do Lazer Sério (PLS) do sociólogo canadense Robert A. Stebbins. São apresentados os fundamentos teóricos do conceito, seus elementos básicos e as contribuições de diferentes pesquisadores do lazer sobre seu desenvolvimento. As diversas formulações a respeito da carreira no lazer encontram-se predominantemente na língua inglesa, o que pode ser considerado um obstáculo para o entendimento e discussão no Brasil. Assim, o principal objetivo do artigo é o de divulgar um conhecimento científico que, embora esteja presente em contexto internacional com frequência, ainda tem pouco espaço no contexto dos estudos e discussões brasileiros sobre o lazer.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. Competência Profissional. Papel Profissional.

**THE LEISURE CAREER: A POSSIBILITY FROM SERIOUS LEISURE
PERSPECTIVE**

ABSTRACT: The article proposes the concept of career presentation in leisure as a possibility from the Serious Leisure Perspective (SLP), by the Canadian sociologist Robert A. Stebbins. The theoretical foundations of the concept, its basic elements and contributions from different researchers at leisure on their development are presented. The various formulations about the career in leisure are predominantly in the English language, which can be considered an obstacle to understanding and discussion in Brazil. Thus, the main objective of this article is to disseminate this scientific knowledge which, although present in the international context often still have little space in the discussions and studies on leisure in Brazil.

KEYWORDS: Leisure Activities. Professional Competence. Professional Role.

Introdução

À primeira vista, Carreira e Lazer parecem ser dois conceitos antagônicos. Enquanto carreira aponta para a vida profissional, com conotações de esforço, dedicação, concorrência e ascensão profissional, o lazer comumente traz a ideia de relaxar, de descansar, de fugir exatamente todos estes elementos vinculados com a vida profissional e carreira. A base deste antagonismo é uma definição do lazer a partir do trabalho: lazer acontece no tempo livre em que não se trabalha uma perspectiva, bastante presente nas discussões sociológicas até os anos de 1980 e encontrada ainda hoje (PRAHL, 2002).

Mas este antagonismo só aparece a primeira vista. Nas sociedades contemporâneas, a flexibilização do trabalho tirou sua centralidade na vida das pessoas e as fronteiras entre trabalho e tempo livre, consumo e lazer se tornaram cada vez mais líquidas. Já em 1958, Jürgen Habermas apontou, de forma crítica, que na sociedade moderna as estruturas do mundo de trabalho (hierarquia, eficiência, regras da economia) exercem também forte influência ao campo do lazer (PRAHL, 2002). Com outro enfoque, mas na mesma lógica, Stebbins (2014b) aponta para as bases comuns do mundo de trabalho e do mundo do lazer.

Também o conceito de carreira, vinculado inicialmente ao mundo de trabalho, foi introduzido pela sociologia em outros campos, principalmente por Goffman (1974). A possibilidade de uma carreira e, sobretudo, um conceito de lazer que tem sua existência fundamentada nela foi proposta na década de 1970. A carreira no lazer é um dos principais elementos da teoria de Robert A. Stebbins (1970). Essa teoria é conhecida como *Serious Leisure Perspective* (SLP) (STEBBINS, 2008, p.101), ou *Perspectiva do Lazer Sério* (PLS) (OLIVEIRA & DOLL, 2014, p.3). Basicamente, o

conceito de Stebbins (2014a) utiliza as formulações de Goffman (1974) a respeito da “carreira moral”. O conceito de Goffman (1974) foi “importado” para a Perspectiva do Lazer Sério, sendo ajustado e complementado com os resultados de estudos feitos por diferentes pesquisadores ao redor do mundo e pelo próprio Stebbins ao longo dos seus mais de 30 anos de pesquisa sobre atividades de lazer.

O entendimento sobre a carreira e forma como integra a PLS é apresentado a seguir. Com uma breve explanação sobre a estrutura teórica na qual ela se insere é possível passar ao exame mais aprofundado das características da carreira, os principais pesquisadores envolvidos no seu desenvolvimento teórico nos últimos anos e as possibilidades que essa formulação sugere.

A Perspectiva do Lazer Sério (PLS) é um enquadramento teórico proposto pelo sociólogo Robert A. Stebbins em que as atividades de lazer são classificadas em três grandes categorias: lazer casual, lazer sério e lazer baseado em projeto¹. O lazer sério é, sem dúvida o que mais recebeu atenção, tanto em seu desenvolvimento conceitual, quanto em suas características que se destacam. A presença da seriedade é uma dessas características, que chamam a atenção exatamente por fundamentar uma atividade de lazer (STEBBINS, 1982). Diante do senso comum e, especialmente diante proposições autores em que se baseiam os estudos do lazer no Brasil, isso pode representar uma contradição.

O lazer sério é definido por Stebbins (2008) como:

[...] a prática sistemática de uma atividade central por amadores, praticantes de hobby ou voluntários, considerada substancial, interessante e realizadora, que em casos típicos, lança-lhes numa

¹ *Casual leisure, serious leisure e project-based leisure*, respectivamente. Stebbins (2014) apresenta um novo diagrama em que o lazer sério (*serious leisure*) passa para um nível inferior, posicionado ao lado do que ele chamou de *devotee work* e, assim, os dois passam a formar uma nova categoria chamada de *serious pursuits* (ver diagrama).

carreira (de lazer) centrada na aquisição e expressão de uma combinação de habilidades especiais, conhecimento e experiência (modificado de STEBBINS, 1992, p.3, *apud* STEBBINS 2008, p.5, tradução nossa).

Ao lado do lazer sério se encontram o lazer casual e o lazer baseado em projeto. O lazer casual é caracterizado fundamentalmente pelo hedonismo, a fruição: "Lazer casual é uma atividade imediata, de valor intrínseco, com satisfação relativamente curta, que requer pouca ou nenhuma habilidade especial para ser aproveitada" (STEBBINS, 2008, p.38, tradução nossa). E por último, mas não menos importante, o lazer baseado em projeto que é definido como:

[...] a tarefa criativa, excepcional ou ocasional, pouco freqüente, no tempo livre, que requer planejamento e esforço consideráveis e algumas vezes, habilidades e conhecimento, mas em que, diferente do "lazer sério", não há intenção pelos participantes em se desenvolver nisso [ou seja, nessas qualidades presentes] (STEBBINS, 2008, p.43, tradução nossa).

Com esses três tipos de lazer em mente é possível pensar em características que distinguem cada um deles. Stebbins (2008, p.11-13) propõe seis características que servem para auxiliar na distinção do lazer sério: o “esforço”, representando o empenho que os envolvidos nesse tipo de lazer precisam para adquirir as habilidades, conhecimento ou experiência para a realização da atividade escolhida; a “carreira”, que representa a continuidade da pessoa na atividade; a “perseverança”, compreendendo a necessidade de a pessoa lidar com a variabilidade de momentos agradáveis e desagradáveis enquanto envolvida no lazer; os “benefícios duráveis”, que envolvem uma série de benefícios psicológicos e sociais originados a partir da prática do lazer; o “etos único”, que representa o mundo social que se desenvolve em torno das práticas do

lazer; e, a “identificação”, que se refere à forte atração entre os participantes do lazer gerada pelo compartilhamento de valores, comportamentos, atitudes e gostos².

A carreira diferencia o lazer sério dos outros tipos de lazer (STEBBINS, 2006, p.450), representando a continuidade da pessoa na atividade de lazer e envolvendo aspectos positivos e negativos em sua prática. Como mencionado anteriormente, o conceito de carreira está baseado nas propostas de Goffman (1974) a respeito da “carreira moral”. Antes de ir mais adiante com o conceito de Stebbins (2014a), é interessante observar alguns elementos que constituem a “carreira moral” de Goffman (1974), pois estes podem elucidar questões fundamentais para o entendimento de carreira no lazer sério.

Ervin Goffman e a Carreira

Ervin Goffman (1974)³ em seu estudo sobre o que chamou de “instituições totais” (GOFFMAN, 1974, p.11), mais especificamente sobre os “hospitais para doentes mentais”, definiu a carreira como “[...] qualquer trajetória percorrida por uma pessoa durante sua vida” (GOFFMAN, 1974, p.111). Em sua análise, Goffman (1974) discutiu as formas como as pessoas se tornavam doentes mentais, reagiam às circunstâncias de internação e se utilizavam de técnicas de adaptação durante seu tempo de internação, delineando assim uma carreira peculiar. Goffman (1974) indicou a ambivalência do conceito de carreira e sua utilidade para seu estudo. De um lado, existiam as questões íntimas, como a imagem do *eu*, e de outro, existiam as questões coletivas, públicas, ligadas a posições oficiais de um complexo institucional.

² Para maiores detalhes, em português, ver Oliveira & Doll (2014) e, em inglês, Stebbins (2012).

³ Estudo originalmente publicado de acordo com a seguinte referência: GOFFMAN, E. **Asylums**: Essays on the social situation of mental patients and other inmates. Garden City, NY: Doubleday, 1961.

Interessado em estudar o “*eu* institucionalizado”, Goffman (1974) voltou sua atenção para os aspectos morais da carreira do paciente, ou seja, para as mudanças que a carreira provocava no *eu* do paciente, alterando sua forma de julgar a si mesmo e aos outros. Assim, Goffman (1974) definiu carreira moral como “[...] uma carreira composta pelas progressivas mudanças que ocorrem nas crenças que tem a seu respeito e a respeito dos outros que são significativos para ele” (GOFFMAN, 1974, p.24).

Ao desenvolver suas ideias sobre a “carreira moral”, Goffman (1974) escreveu que a carreira do doente mental poderia ser vista como um período constituído por três fases – a fase pré-paciente, a fase de internamento, e, a fase de ex-doente. Goffman (1974) declarou que pretendia analisar as duas primeiras fases. A primeira fase, de acordo com Goffman (1974, p.116), inicia com uma ação interna, quando a própria pessoa busca atendimento médico, ou com uma ação externa, em que há uma denúncia feita por alguém, por exemplo. Essa ação, interna ou externa, marca o início social da carreira do paciente.

A “carreira moral” da pessoa nessa primeira fase (pré-paciente), apresenta uma situação de direitos, porém é caracterizada pela expropriação de seus direitos, acompanhada do “abandono, deslealdade e amargura” (GOFFMAN, 1974, p.116). É nessa fase que Goffman (1974) identificou o que chamou de “contingências de carreira” ou “circunstâncias de carreira” (GOFFMAN, 1974, p.117), referindo-se a um conjunto de circunstâncias que determinavam ou influenciavam na internação da pessoa.

Ainda, há dois outros aspectos destacados por Goffman (1974) em sua análise dessa primeira fase da “carreira moral” da pessoa. A existência de um circuito social complexo de “agentes e agências” que atuava decisivamente na passagem do *status* civil para o de internado é o primeiro aspecto descrito e ocorre juntamente com as

“contingências da carreira” (GOFFMAN, 1974, p.118). Com essa categoria, Goffman (1974) considerou “a pessoa mais próxima”, “a denunciante” e “os mediadores” como papéis de agentes característicos e decisivos na “carreira moral” investigada (GOFFMAN, 1974, p.118).

Outro aspecto da “carreira moral” destacado por Goffman (1974) foi o seu “caráter retrospectivo”, um ponto que considerou delicado para a sociologia das carreiras. Goffman (1974) considerou importante a interpretação que a pessoa constrói quando olha retrospectivamente para o seu progresso. No caso dos pacientes que ele analisou, a carreira pré-paciente poderia não ter existido, caso não fosse diagnosticada a doença e, portanto, não progrediriam para tornarem-se pacientes, não haveria a internação. Entretanto, a prova de que essa carreira pré-paciente existiu seria o fato de terem sido internados.

Em sua análise sobre a segunda fase da “carreira moral”, a fase de internado, Goffman (1974) descreveu reações iniciais, como as de negação, que caracterizavam os comportamentos dos pacientes nos hospitais para doentes mentais. De forma muito precisa, informou das táticas que os internados utilizavam para se adaptar às novas formas de viver que encontravam na instituição.

Goffman (1974) descreveu de que formas o paciente, em sua adaptação, aprendia a orientar-se no “sistema da enfermagem” do hospital (p.127), aproveitando e beneficiando-se de privilégios – como o de um local mais confortável para dormir, por exemplo. Muitos desses benefícios eram alcançados quando o paciente se comportava de acordo com o que se esperava de um paciente em sua situação, ou seja, sua condição material era “[...] uma expressão de seu nível geral de atuação social” (GOFFMAN, 1974, p.128).

Um importante elemento acrescentado em sua análise sobre a “carreira moral” na fase de internado pode ser relacionado a outras “carreiras morais”, em outras palavras, existe uma característica padrão que “aparece” nas diferentes “carreiras morais” dos internados (GOFFMAN, 1974, p.129). Trata-se da forma como a pessoa expõe sua carreira aos outros:

Considerando-se o estágio que qualquer pessoa atingiu numa carreira, geralmente verificamos que constrói uma imagem do curso de sua vida - passado, presente e futuro - que corta, abstrai e deforma de tal maneira que permite uma visão de si mesma que possa expor de maneira útil nas situações presentes. Muito frequentemente, a estratégia da pessoa com relação ao eu a coloca, defensivamente, num acordo fundamental com os valores básicos de sua sociedade, e assim pode ser denominada uma apologia. Se a pessoa consegue apresentar uma interpretação de sua situação presente que mostre a atuação de qualidades pessoais favoráveis no passado, e um destino favorável que a aguarde no futuro, pode-se dizer que tem uma história de triunfo. Se os fatos do passado e do presente de uma pessoa são extremamente sombrios, o melhor que pode fazer é mostrar que não é responsável por aquilo que veio a ser, e a expressão história triste é adequada. É interessante notar que, quanto mais o passado de uma pessoa a afasta de concordância aparente com valores morais centrais, mais parece obrigada a contar essa história triste para qualquer companhia que encontre. Talvez responda, em parte, a necessidade que sente, em outros, de não receber afrontas aos seus desenvolvimentos de vida. De qualquer forma, é entre presos, bêbados e prostitutas que mais facilmente se obtém as histórias tristes! (GOFFMAN, 1974, p.129).

E por último, a aprendizagem como um processo característico da “carreira moral”, está presente em todas as fases que a constituem e é marcante ao longo do trabalho de Goffman (1974). É possível identificar algumas aprendizagens do paciente, claramente apresentadas, como na afirmação de que o paciente “aprende a viver sob condições de exposição iminente, e com grandes flutuações de consideração” (GOFFMAN, 1974, p.139). Mas o aprendizado fundamental e mais preocupante do internado, segundo Goffman (1974), foi o de que “[...] a imagem do eu pode ser vista como algo fora de si mesmo e que pode ser construída, perdida e reconstruída – tudo

isso com certa rapidez e certa justiça”. Na socialização de adultos, aprender isso pode ser perigoso, afirmou Goffman (1974), pois algum dos internados, ao aprender que o seu eu está aberto, pode não sentir necessidade de uma “nova roupa” para o seu eu, depois de “ter suas vestes arrancadas” (GOFFMAN, 1974, p.143).

A concepção de “carreira moral” de Goffman (1974), em sua ampla consideração de elementos e características, foi “importada” para a Perspectiva do Lazer Sério (STEBBINS, 2008, p.112), e tornou-se um elemento central para sua análise, como já afirmado. A “carreira” está presente em todos os “[...] papéis [sociais] complexos incluindo especialmente os do trabalho, lazer, desvio [social], política, religião e relações interpessoais, substanciais” (STEBBINS, 2008, p.11, tradução nossa) e no lazer sério representa:

[...] um percurso ou transição típicos de um amador, praticante de hobby ou voluntário, que levam a pessoa através de e para um papel social de lazer e possivelmente através de e para um papel social de trabalho. A essência de qualquer carreira, seja no trabalho, lazer, ou em outro lugar, encontra-se na continuidade temporal das atividades associadas a ela (STEBBINS, 2008, p.19, tradução nossa).

Se no estudo de Goffman (1974), a pessoa era levada em sua carreira a um papel social de internado e aprendia ao longo de sua permanência a se adaptar, a orientar-se de forma benéfica no sistema. No lazer sério, a pessoa é levada através e para um papel social de lazer, que se expressa na “[...] aquisição e expressão de uma combinação de habilidades especiais, conhecimento e experiência” (STEBBINS, 2008, p.5, tradução nossa).

Esse “percurso ou transição” se delineia no lazer sério a partir de “contingências específicas próprias, pontos de inflexão e estágios de realização ou envolvimento” (STEBBINS, 2008, p.11, tradução nossa), elementos muito próximos dos apresentados

por Goffman (1974) e descritos anteriormente como “contingências ou circunstâncias de carreira”. Trata-se de circunstâncias que marcam o percurso da pessoa de forma determinante. A partir dessa ideia basilar de carreira proposta por Goffman (1974) que Stebbins (1970) inicia o desenvolvimento do conceito de carreira no lazer.

A Carreira Subjetiva

É em seu artigo “Career: a subjective approach”, que Stebbins (1970) lança os primeiros fundamentos para o conceito de “carreira” do “lazer sério”. Stebbins (1970) busca explorar em profundidade sua ideia inicial de uma “carreira subjetiva” (STEBBINS, 1970, p.34, tradução nossa) relacionando-a com duas aproximações já abordadas nas ciências sociais, a “carreira indivíduo-objetiva” e o “padrão de carreira” ou “linha de carreira” (STEBBINS, 1970, p.34, tradução nossa).

Stebbins (1970) considera que essas duas perspectivas sobre a carreira evidenciam e valorizam instâncias objetivas da experiência dos sujeitos. Na primeira, ou seja, na “carreira indivíduo-objetiva”, a carreira é considerada em sua definição tradicional, como na proposta de Becker (1952, p.470), parafraseando Hall (1948, p. 327):

[...] se refere a uma série padronizada de ajustamentos feitos pelo indivíduo à “rede de instituições, organizações formais e relações informais” em que o trabalho de sua ocupação é realizado. Essa série de ajustamentos é considerada normalmente em termos de movimento para cima e para baixo entre posições diferenciadas por sua colocação em alguma hierarquia formal ou informal de renda, influência e prestígio (BECKER, 1952, p.470, tradução nossa).

A segunda perspectiva diz respeito a definições que consideram o “padrão de carreira” ou “linha de carreira”, uma representação coletiva que faz parte de uma cultura na qual se fundamentam as identidades (STEBBINS, 1970, p.32). Essa segunda forma

de olhar para a carreira foi introduzida na sociologia do trabalho para dar conta das mudanças de ocupações dos indivíduos e, assim, dos novos padrões ou linhas de trabalho. Um exemplo é dado por Nosow & Form (1962, p.284) ao argumentarem que “[...] sociologicamente a carreira se refere a qualquer padrão de mudança ocupacional (vertical e/ou horizontal)⁴ de qualquer grupo ocupacional” (tradução nossa). Assim, Stebbins (1970) define o “padrão de carreira” como proposto por Nosow & Form: “[...] um movimento de curso consensualmente reconhecido através de estágios reconhecidos com uma iniciação e um final” (STEBBINS, 1970, p.37, tradução nossa).

Stebbins (1970) entendeu que essas duas perspectivas estavam sendo tratadas como dissociadas das visões pessoais de atores humanos, embora as pesquisas orientadas por elas contivessem significante material subjetivo e seus enquadramentos teóricos os excluíssem. Stebbins (1970) ofereceu exemplos de estudos em que se fornecem evidências para uma visão subjetiva sobre a carreira dos sujeitos pesquisados, destacando as propostas de Goffmann, apresentada anteriormente, e de Hughes (1937), para quem “[...] subjetivamente, a carreira é a perspectiva do movimento em que a pessoa vê sua vida como um papel e interpreta o significado de seus vários atributos, ações, e as coisas que acontecem a ela” (HUGHES, 1937, p.409-410, tradução nossa).

Para Stebbins (1970), o conceito de carreira deveria ser conectado a uma identidade social, considerando os eventos que se ligam a essa identidade e que, de uma maneira ou de outra, são importantes para uma ou mais pessoas do grupo referência. Considerando a posição central que a identidade assume na análise da carreira, Stebbins (1970) definiu a carreira subjetiva como “[...] o reconhecimento e interpretação dos

⁴ Os aspectos dimensionais de verticalidade e horizontalidade da carreira foram discutidos anteriormente por Howard S. Becker (1952). O aspecto vertical se refere aos possíveis níveis hierárquicos disponíveis ao indivíduo em sua carreira. Já o aspecto horizontal se refere às posições disponíveis ao indivíduo dentro de um nível determinado na hierarquia presente em sua ocupação.

atores de eventos passados e futuros associados com uma identidade particular e especialmente sua interpretação de como contingências importantes foram ou serão encontradas” (STEBBINS, 1970, p.34, tradução nossa). Importante mencionar que os elementos “reconhecimento” e “interpretação” foram considerados por Stebbins (1970, p.34, tradução nossa) como “produtos resultantes” e não processos precedentes como geralmente representavam nos estudos da sociologia.

Assim, Stebbins (1970) contrastou essa forma de considerar a carreira como uma visão pessoal de acontecimentos e sua relação com importantes características de sua vida com outras duas formas de ver a carreira. A primeira forma é a que considera a carreira como uma série de estágios (padrão de carreira), e a segunda é a que considera a carreira como o progresso de um indivíduo através desses estágios (a carreira “indivíduo-objetiva”).

A “predisposição” é a forma mais eficiente para explicar a “carreira subjetiva”, segundo Stebbins (1970). A ideia de “predisposição” foi baseada na concepção de Campbell (1963, p.97-112) sobre “condições adquiridas”, em que se dá ênfase à importância do fato de que as predisposições, ou “disposições comportamentais adquiridas”⁵, resistem e permanecem dormentes até serem ativadas por estímulos situacionais. “Quando ativados, esses produtos de nossa experiência passada incidem sobre nossa consciência, dotando-nos de uma visão específica de mundo, e orientam o comportamento no presente imediato” (STEBBINS, 1970, p.35, tradução nossa). Em outras palavras, nossos valores, atitudes, fragmentos de conhecimentos, memória,

⁵ *Acquired behavioral dispositions.*

hábitos e sentidos dados às coisas estão envolvidos em nossas “qualidades predisposicionais”⁶, são “ativados” e nos tornam conscientes de sua existência.

Nesse ponto, o “reconhecimento” e a “interpretação” estão relacionados com essas “qualidades predisposicionais”. Ocorre que “[...] o reconhecimento e interpretação dos atores de eventos passados e futuros [...]” resultam em certo tipo de conhecimento e que esse conhecimento, como uma “predisposição”, nos permite considerar que a “carreira”, assim como uma “predisposição”, é também uma visão específica de mundo. “Quando ativada em uma situação social em curso, a carreira subjetiva influencia o comportamento através dessa visão de mundo e simultaneamente eleva nossa consciência dela” (STEBBINS, 1970, p. 35, tradução nossa).

A “carreira subjetiva” como uma “predisposição” pode ser ativada em muitas hipóteses. As “contingências da carreira” ou “pontos de virada”⁷, mencionados anteriormente, são elementos significantes por elevar a consciência dos indivíduos sobre o que ocorre a eles em uma identidade particular ou o que irá acontecer no futuro. As “contingências”, de acordo com Stebbins (1970), estabelecem o direcionamento de alguém dentro de uma esfera de sua vida⁸. Outra via que pode gerar a consciência de carreira é o reconhecimento de que uma carreira foi finalizada. Isso pode ser visto no caso de uma aposentadoria formal ou no final do cumprimento de uma sentença prisional, por exemplo. Nesses casos, os sujeitos são levados a uma consciência particular retrospectiva sobre eventos passados.

⁶ Esse e outros aspectos da “predisposição” têm muito em comum, segundo Stebbins (1970), com a discussão filosófica de “perspectiva” de Mead (1938).

⁷ *Turning points*.

⁸ Stebbins (1970) ilustra esse aspecto das contingências mencionando o estudo de Lindesmith & Strauss (1968) sobre o tratamento de recuperação de dependentes de drogas.

Stebbins (1970) menciona o estudo de Roth (1963)⁹ em que ficou evidente que pessoas em uma carreira dentro de um grupo referência tendiam a observar outras na mesma “linha de carreira” na avaliação de seus próprios progressos em diferentes estágios da carreira. Nesse caso, essa avaliação dependia da determinação consensual dos estágios possíveis, que poderiam ser ocupados de acordo com habilidades, motivação, velocidade de reconhecimento, educação e assim por diante. Entretanto, Stebbins (1970) chamou a atenção para fato de haver carreiras nas quais esses “estágios da carreira” não seriam reconhecidos pelos membros de um grupo referência, se é que de fato eles existiam.

Ainda sobre a consciência de uma carreira, Stebbins (1970) apontou para o aspecto de que as pessoas têm mais de uma carreira se desenvolvendo ao longo de suas vidas e inclusive ao mesmo tempo. No momento em que essas carreiras entram em choque, no sentido de haver conflitos entre seus valores ou utilização do tempo, por exemplo, é provável que haja alguma consciência. Isso ocorre enquanto o indivíduo tenta reduzir essa tensão em certas situações sociais – Stebbins exemplificou isso com o choque que poderia haver entre a carreira ocupacional de um homem e sua carreira como golfista amador.

Alguns apontamentos de Hughes (1958), sobre a carreira do indivíduo e como esses inter-relacionam a consciência e a carreira também foram destacados por Stebbins (1970). Um deles é a existência de um “calendário social” entrelaçando os ciclos humanos de trabalho e de diversão. Isso explicaria o fato de jovens tornarem-se conscientes da expectativa sobre suas carreiras ocupacionais, entre seus 20 anos e final do ensino médio. A questão de haver uma marcação biológica dos ciclos humanos e de

⁹ ROTH, Julius A. **Timetables**. Indianapolis: The Bobbs-Merrill Co., 1963.

suas contingências; as influências dessas contingências sobre as carreiras objetivas, exemplificada no caso em que o nascimento de uma criança leva àqueles que mantêm o lar a buscar um emprego com salário adequado capaz de dar suporte dentro de novas condições. Um destaque dado por Hughes (1958) é que as pessoas detestam reconhecer “pontos de virada”, ou *turning points*, naturais e específicos em sua carreira de vida, particularmente a inevitabilidade da morte.

Fica claro, com o exposto anteriormente, que parte da “carreira subjetiva” de alguém é constituída por seu “reconhecimento” e “interpretação” desse “padrão de carreira” e que, por isso, muitas qualidades de seus estágios não fazem parte de uma visão convencional, mas sim de uma visão pessoal. Essas qualidades de cada estágio podem ser encontradas em “[...] como a pessoa relaciona esses estágios com as circunstâncias envolvendo seus objetivos, habilidades, biografias, e auto-conceito – em suma, com sua própria personalidade” (STEBBINS, 1970, p.38, tradução nossa).

O sujeito que experimenta as “contingências da carreira” se torna importante na perspectiva de Stebbins (1970). Assim, “[...] um *turning point* é uma contingência porque é definido como tal pelos que o experimentam” (STEBBINS, 1970, p. 38, tradução nossa). Essa contingência poderia ser uma experiência reconhecida consensualmente por todos aqueles que participam de uma “linha de carreira” específica – um aspecto do “padrão de carreira” – como, por exemplo, passar em uma seleção e doutorado. Ou, essa contingência poderia ser mais peculiar de uma pessoa – um aspecto um aspecto de uma visão pessoal de uma participação individual em um “padrão de carreira” – como, por exemplo, uma demonstração, após receber uma boa nota em um exame, de que é capaz de conseguir boas notas e isso levar a pessoa ter novas aspirações

e ver-se de uma nova maneira. É esse último aspecto, referente à visão da pessoa, que foi considerado por Stebbins (1970) como parte da “carreira subjetiva” de um ator.

A “linha de carreira” assume em alguns momentos o sentido pessoal de segurança no emprego e de algo ligado ou de compromisso com ele. Stebbins (1970) exemplifica com o caso de um oficial militar que deseja deixar a carreira militar e seguir na carreira civil, mas descobre que seus planos de pensão, aposentadoria e seguridade tornam custosa essa alternativa. Essas condições são entendidas como parte da visão subjetiva de alguém sobre sua carreira.

Podemos dizer então que a “carreira subjetiva” e a “linha de carreira” ou “padrão de carreira” são conceitos que se sobrepõem em abrangência. De forma teórica, a “carreira subjetiva” é como uma extensão e amplificação de alguns aspectos da “linha de carreira”. “Há uma consciência do que é convencionalmente tomado como linha de carreira, mas essa consciência é também pessoalmente aumentada pelo fato de os homens focarem-se sobre contingências e sentidos idiossincráticos” (STEBBINS, 1970, p.39, tradução nossa). Para Stebbins (1970), a “carreira subjetiva” poderia ser vista como uma “imagem personalizada do padrão de carreira e de como o ator relaciona suas ramificações consigo mesmo” (STEBBINS, 1970, p.39, tradução nossa).

Stebbins (1970) relacionou a “carreira indivíduo-objetiva” com essas duas aproximações. A “carreira indivíduo-objetiva” é definida como “o progresso de um indivíduo (ou coorte de indivíduos) através de uma linha de carreira” (STEBBINS, 1970, p.39, tradução nossa). Em outras palavras, é a visão de um observador sobre “os padrões de movimento entre os estágios (verticais e horizontais) em sua relação com vários critérios para o movimento, como educação, performance, habilidade, e similares, e como estes estão relacionados a um cronograma de movimentos”

(STEBBINS, 1970, p.39, tradução nossa). Essa aproximação de “carreira indivíduo-objetiva” representava, segundo Stebbins (1970), o que era reconhecido como “carreira” pelos cientistas sociais.

Mas havia uma visão subjetiva nessa aproximação também. Havia provavelmente, segundo Stebbins (1970), “[...] interpretações idiossincráticas das condições de passagem, dos critérios, e dos tempos” que podem ser incluídas na “predisposição” da “carreira subjetiva” (STEBBINS, 1970, p.39, tradução nossa). O exemplo dado por Stebbins (1970) foi o de um supervisor promovido a gerente. Esse movimento, na aproximação proposta, foi concebido em termos mais amplos que os de um estágio para outro dentro de uma “linha de carreira”. Mesmo que a promoção tenha ocorrido baseada em critérios e tempos determinados para a condição de passagem, o evento será avaliado pela pessoa baseado em sua personalidade e história exclusivas nesse ponto de sua vida. Talvez essa promoção, mesmo que sendo nada excepcional do ponto de vista da “linha de carreira” possível à pessoa, pudesse ser considerada como o coroamento de suas metas de vida, além de sua significância geral. Ou, pelo contrário, a pessoa poderia ver essa promoção um mísero passo em direção ao topo, por considerar-se destinada à grandeza e assim por diante.

“Assim como na linha de carreira, a carreira subjetiva sobrepõe-se em seu escopo empírico à aproximação indivíduo-objetiva” (STEBBINS, 1970, p.39, tradução nossa). O impacto dessa interpretação da carreira objetiva sobre o direcionamento do comportamento, segundo Stebbins (1970, p.42) seria impossível de ser determinado sem mais investigações empíricas. Embora Stebbins (1970) tenha indicado as amplas possibilidades de investigação voltadas às características gerais das predisposições (tais como reconhecimento, interpretação, conhecimento, visão de mundo e consciência), e

viu como necessária a ampliação do conhecimento sobre o “padrão de carreira” e a “carreira indivíduo-objetiva”.

Um aspecto destacado como sendo talvez o maior problema relacionado às estratégias de pesquisa que observou residia em identificar a ativação da “predisposição” da “carreira subjetiva” em qualquer situação específica. Esse problema poderia ser solucionado com o foco em aspectos do comportamento, entrevistando o sujeito com vistas a descobrir quais aspectos da “carreira subjetiva” direcionavam o seu comportamento. Stebbins (1970, p.43) avalia que a interpretação está presente em todas as ações humanas.

Porém interpretações que modificam o que é esperado culturalmente do comportamento, de forma que seja significativa para um dado problema de pesquisa são menos onipresentes em um nível desconhecido. Esses são aspectos de ‘definições pessoais da situação’ que são distinguidas de ‘definições culturais’ mantidas consensual e coletivamente, e a relativa frequência dessas duas é muito mais uma questão aberta na ciência social contemporânea. (STEBBINS, 1967¹⁰, p.148-164, *apud* STEBBINS, 1970, p.43, tradução nossa).

Para Stebbins (1970, p.48) a utilidade explanatória do conceito de “carreira subjetiva” se tornava aparente quando a interpretação pessoal modificava o comportamento do que poderia ser predito a partir das aproximações objetivas, como parte de uma série de fatores que influenciavam a pessoa na definição de uma situação. “A força dessa aproximação reside no fato de que ela nos permite estudar a avaliação pessoal de elementos da carreira vital e seus sentidos em nível situacional” (STEBBINS, 1970, p. 48, tradução nossa).

¹⁰ STEBBINS, R.A. A theory of the definition of the situation. **The Canadian Review of Sociology and Anthropology**, 4, pp.148-164, 1967.

Com essa construção conceitual proposta por Stebbins (1970), concepções de outros autores foram sendo agregados à ideia de carreira, ajudando a explicar essa característica distintiva e fundamental do lazer sério.

Contribuições sobre a Carreira

Diferentes autores contribuíram para a construção do conceito de carreira como possibilidade dentro do lazer, em seus diferentes elementos analíticos. Hall (1948), em um estudo sobre a carreira médica, analisou a relação entre profissionais da medicina recém-formados e um núcleo interno de médicos que denominou como dos “estabelecidos”. No mesmo estudo, Hall (1948) identificou uma série de ajustes mais ou menos bem-sucedidos que influenciavam as carreiras desses profissionais, tanto nas instituições formais quanto em organizações informais.

Hewitt (2003) utilizou a carreira para denotar a sequência temporal de ações conjuntas em todas as esferas da nossa existência e, antes disso, Hughes (1937) distinguia entre “carreira objetiva” e “carreira subjetiva”. Becker (2009¹¹) delineou as várias dimensões da “carreira desviante”. Blankenship (1973) desenvolveu o entendimento de carreiras organizacionais, enquanto Prus (1984) conceituou as contingências da carreira como ideologias, identidade, compromissos, atividades e relacionamentos.

Dentro dos esportes, destacam-se os estudos de Hastings e seus colegas (HASTINGS, 1983; HASTINGS; KURTH & MEYER, 1989; HASTINGS; KURTH; SCHLODER & CYR, 1995) que se focaram nas carreiras competitivas de nadadores másters através do curso de vida; Murray (1985) que tipificou as carreiras morais de

¹¹ Referência original: BECKER, Howard Saul. **Outsiders**: studies in the sociology of deviance. New York: Free Press, 1963.

maratonistas australianos; Snyder (1986) que estudou os diferentes níveis de envolvimento envolvendo a carreira no “shuffleboard”; e, McQuarrie & Jackson (1996) que identificaram cinco estágios da carreira no lazer sério de patinadores no gelo amadores adultos.

Os mesmos autores, McQuarrie & Jackson (2002), desenvolveram proposições sobre o papel das transições nas carreiras profissionais e os efeitos que “condições limitantes”¹² tinham sobre essas transições. Essas proposições partem da adaptação de duas áreas dos estudos do lazer – a de estudos das “condições limitantes”, que examinam o efeito das restrições sobre a capacidade de participar nas atividades de lazer; e, a dos estudos do “lazer sério”, especificamente sobre a continuidade na atividade, ou seja, a “carreira de lazer”.

Embora a carreira implique uma realidade complexa e multidimensional, grande parte dessa literatura considera mais os seus aspectos objetivos, dando prioridade ao progresso observável em uma ocupação ou organização, e pouca atenção às visões pessoais que se amarram a linhas particulares de ação (COLLIN & YOUNG, 1986). Em outras palavras, o foco nas carreiras objetivas ou séries de ajustamentos padrão dos indivíduos à redes de instituições e organizações tem ofuscado as carreiras subjetivas ou reconhecimento e interpretação de eventos passados e futuros amarrados a cursos sociais específicos da vida dos atores (STEBBINS, 1970).

As últimas formulações a respeito da carreira na PLS estão contidas no mais recente livro de Robert A. Stebbins, intitulado “Career in Serious Leisure: from dabbler to devotee in search of fulfillment” (2014a). O livro reúne a produção científica elaborada em torno da carreira no lazer e procura oferecer uma síntese atualizada desse

¹² *Leisure constraints*, no original.

conhecimento. A carreira é tratada em sua representação para pessoas que tem diante de si a questão sobre o que fazer de suas vidas. De acordo com Stebbins (2014a) esta questão emerge em diferentes momentos da vida, como na adolescência, na meia-idade e na aposentadoria – “O que eu vou fazer vida?” ou “O que eu vou fazer com o resto da minha vida?” (STEBBINS, 2014a, p.1, tradução nossa).

A carreira é apresentada de forma mais complexa que nas outras publicações do autor e é discutida em uma espécie de derivação a qual Stebbins (2014a) chamou de “carreira realizadora”, ou *fulfillment career* (STEBBINS, 2014a, p.1, tradução nossa). Ela representa uma carreira que serve como meio para que a pessoa descubra profundos significados de realização pessoal, pois através da realização, os participantes compreendem seu potencial, descobrindo seus gostos e talentos únicos para uma ou várias atividades. Uma das principais formulações de Stebbins (2014a) é que o interesse e desenvolvimento em uma “carreira realizadora” provém do lazer, mesmo que este mesmo interesse leve a um trabalho altamente atrativo. E, isso acontece a partir da exposição em um dos tipos de lazer da PLS (casual, baseado em projeto, ou sério).

As pessoas que buscam por uma carreira realizadora são orientadas por um desejo de melhorar em seus lazeres ou atividades profissionais. Claro que melhorar pode significar coisas diferentes para diferentes participantes. Entretanto, melhorar “[...] é um recurso básico de motivação e auto-imagem da vida que dispara o desenrolar de uma carreira realizadora” (STEBBINS, 2014a, p. 01, tradução nossa).

Ao apresentar a “carreira realizadora”, Stebbins (2014a) apresenta os principais elementos da carreira, indicando também os principais autores que contribuíram para o entendimento destes. Stebbins (2014a) destaca que existem processos e condições-chave que facilitam o surgimento de uma carreira no lazer. Destes, dois foram mais presentes

em seus estudos sobre amadores, praticantes de hobby e voluntários: a descoberta acidental da possibilidade de carreira e o “contato memorável” com uma atividade de lazer ou trabalho na qual a carreira se fundamenta.

O *Dabbling* e o Contato Memorável

Um dos conceitos que já vinha sendo utilizado nas formulações a respeito da carreira no lazer é o conceito de *dabbling* e representa a descoberta acidental da possibilidade da carreira e, conseqüentemente a realização pessoal através dela. O *dabbling* é uma das formas como a carreira se origina e é definido como a realização de alguma atividade de lazer em que o sujeito não tem treinamento e prática necessárias para realizá-la – ela ocorre de forma desinteressada, no sentido de um objetivo em longo prazo na atividade. Como no caso de uma pessoa que nunca correu e decide esporadicamente participar em uma prova de 100 metros rasos. Ao correr, a pessoa descobre que tem aptidão e gosto para a atividade e decide realizá-la de forma sistemática, procurando um treinador, uma equipe de corrida, e assim por diante. Essa experiência envolve, pelo menos, três componentes de acordo com Stebbins (2014a, p.29-30): (1) “sensório”, que se refere aos elementos psicológicos que acompanham a experiência de *dabbling*, compreendendo as sensações geradas e também a satisfação da curiosidade; (2) “social”, compreendendo a consideração de que a maioria das experiências contém um componente de imitação de outros participantes, por parte das pessoas que estão experimentando o *dabbling* (*dabblers*); e, (3) “acessibilidade”, que considera que é necessário que o sujeito tenha acesso aos recursos relacionados à prática da atividade que deseja experimentar.

A outra possibilidade identifica por Stebbins (2014a) ao falar sobre os processos-chave que podem desencadear a carreira no lazer foi a que ele chamou de “contato memorável” (STEBBINS, 2014a, p. 35, tradução nossa). Trata-se de uma experiência em que a pessoa entra em contato com uma atividade e, a partir dessa experiência desejam se envolver com a atividade, iniciando uma carreira no lazer.

Graus de Envolvimento no Lazer

Assim, Stebbins (2014a) propõe que os participantes que desejam continuar na atividade de lazer, tanto por terem descoberto acidentalmente seu gosto e aptidão, quanto por terem tido uma experiência memorável com a atividade, iniciam uma carreira. O envolvimento dessas pessoas pode variar em intensidade. Para representar esse aspecto da carreira, Stebbins (2014a), propôs uma “escala de envolvimento” (STEBBINS, 2014a, 32-34, tradução nossa).

Nesse aspecto, foram os estudos de Siegenthaler & O'Dell (2003) que ajudaram no entendimento da carreira no lazer. Em um estudo qualitativo, Siegenthaler & O'Dell (2003), investigaram a premissa de que o “lazer sério” ajuda no envelhecimento bem-sucedido. Os dados foram coletados no sudeste dos USA durante 1998 e 1999. De acordo com Siegenthaler & O'Dell (2003, p.47), foram selecionados homens e mulheres golfistas, mentalmente alertas, com pelo menos 65 anos. 26 golfistas foram solicitados a participar, 21 deles concordou e somente 19 responderam, tanto a pré-entrevista, quanto a entrevista em profundidade. 20 golfistas participantes do estudo eram conhecidos de um dos pesquisadores e outros 7 foram identificados através da método de amostragem *snowball* (PATTON, 2002, p.237).

Siegenthaler & O'Dell (2003) escolheram o golfe por considera-lo um esporte bastante popular entre os velhos e que por suas características apresentava potenciais para contribuir com o envelhecimento bem-sucedido, além de ser bem adequado como “lazer sério”. Realizaram entrevistas em profundidade com 19 sujeitos buscando conhecer a seriedade e sua contribuição para o envelhecimento bem-sucedido.

Os golfistas eram 8 homens e 11 mulheres com idades entre 67 e 87 anos (média 77 anos). Suas análises revelaram quatro tipos de golfistas com graus variados de envolvimento/seriedade em relação ao golfe. “Core devotees”, aqueles que tinham o golfe como foco central de suas vidas. “Moderate devotees”, voltados para o prazer do golfe e tudo que envolvia. “Social”, que tinham a função social primária de encontrar e interagir com amigos (SIEGENTHALER & O'DELL, 2003, p.48).

Essas três categorias, relacionadas ao nível de intensidade de envolvimento nas atividades de “lazer sério”, foram adaptadas por Stebbins (2008, p.21; 2012, p.83), visando manter uma terminologia consistente com a pesquisa, a teoria e a generalidade. Em sua “escala de envolvimento”, cada grau de intensidade de envolvimento recebeu os termos: *participant*, *moderate devotee*, e, *core devotee* (STEBBINS, 2008, p.21; 2012, p.83, tradução nossa), partindo do grau menos intenso e chegando ao mais intenso. Recentemente, Stebbins (2014a) adicionou à escala a categoria *neophyte*, antecedendo todos os outros graus e representando o nível inicial de envolvimento com a atividade de lazer.

Estágios da Carreira de Lazer

Outro elemento importante na caracterização da carreira no lazer é a presença de estágios que representam os diferentes momentos do percurso que as pessoas realizam

ao continuarem envolvidas no lazer. Nesse aspecto da carreira, o estudo de Heuser (2005) foi considerado relevante. Heuser (2005) fez um estudo etnográfico sobre jogadoras de uma modalidade esportiva chamada de *lawn bowling*¹³, em um clube da classe trabalhadora na área metropolitana de Perth, na Austrália.

Baseada na observação participante e em entrevistas semi-estruturadas em profundidade, Heuser (2005) identificou a carreira objetiva das jogadoras e as interpretações subjetivas dessas mulheres. Na análise da carreira dessas jogadoras, Heuser (2005) identificou cinco estágios que caracterizavam seu envolvimento nessa atividade de lazer. O primeiro estágio foi caracterizado pela iniciação ao *lawn bowling*, através de outras pessoas ou de mudanças nas circunstâncias da vida.

O segundo estágio descrito por Heuser (2005) foi representado pelo “vício” em que as mulheres encontravam-se irresistivelmente atraídas ao esporte por inúmeras razões. O terceiro estágio foi marcado por jogar seguidamente como membros do clube, com a presença de notáveis variações no envolvimento e comprometimento das jogadoras – variando entre serem jogadoras sociais, sérias ou temporariamente afastadas, participando em diferentes níveis de competições. Nem todas as jogadoras passavam pelo quarto estágio que se referia a assumir posições na organização, como membros de comissões, oficiais, delegadas, árbitras ou técnicas. No último estágio, as mulheres enfrentavam o afastamento físico do jogo, mas não necessariamente o afastamento social.

¹³ *Lawn Bowling*: é jogo em que os participantes tentam posicionar uma bola (assimétrica) o mais próximo possível e uma bola branca. Geralmente é jogado em gramados e é considerado o segundo esporte mais jogado na Austrália. O “jogo de bocha”, tradicionalmente jogado na região sul do Brasil, parece o que mais se aproxima em semelhança a esse jogo. (Mais informações em: www.BowlsWorld.com.au e “How to Lawn Bowl” <http://www.youtube.com/watch?v=PonGXrse4MU> – acesso em 09 de janeiro de 2014).

Segundo Heuser (2005, p. 49), diferente de uma progressão linear, como proposto no modelo de Hastings *et al.* (1989), a carreira das jogadoras se delineava em uma espécie de “zig-zag”, especialmente em seus estágios médios. Isso ocorria por conta da alternância na forma das participações, sendo jogadoras sociais em alguns momentos, sérias em outros, e afastadas temporariamente. Essa alternância na forma de participação das jogadoras estava baseada em contingências situacionais que faziam mais ou menos possíveis grandes níveis de comprometimento.

A proposta de Stebbins (2012), recorrendo aos seus próprios estudos sobre amadores e profissionais (STEBBINS, 1992) e, especificamente por esse estudo de Heuser (2005), incluiu cinco possíveis estágios de carreira: “[...] iniciação, desenvolvimento, estabelecimento, manutenção e declínio”¹⁴ (STEBBINS, 2012, p.82, tradução nossa). Sintetizando, o primeiro estágio da carreira de “lazer sério”, a “iniciação”, representa o estágio que dura o tempo necessário para que a atividade se estabeleça e envolve a aprendizagem das habilidades, conhecimento e experiência iniciais para a realização do lazer. O estágio do “desenvolvimento” se inicia com o interesse em realizar a atividade de forma mais ou menos rotineira e sistemática.

O “desenvolvimento”, descrito por Stebbins (2012, p.82), é o estágio em que os participantes avançam para além da necessidade de aprender as habilidades e conhecimentos básicos requeridos para a realização das atividades de “lazer sério”. Durante o estágio de “manutenção” a carreira está em pleno vigor e os participantes são capazes de desfrutar o máximo da atividade, expressando o auge de suas habilidades, conhecimento e experiência. O último estágio descrito, o “declínio”, não é necessariamente experimentado por todos os participantes, mas os que o experimentam,

¹⁴ *Beginning, development, establishment, maintenance, e decline*, respectivamente.

em geral, tem como causa a deterioração de habilidades mentais ou físicas. Esse último estágio está relacionado ao possível abandono do lazer. Entretanto, existem diferentes tipos de contingências que podem levar ao abandono, mesmo nos estágios anteriores. São contingências que se inscrevem em dimensões “motivacionais”, “sócio-psicológicas”, “físicas”, “geográficas”, e, “regulatórias” (STEBBINS, 2014a, p.74-75).

Hastings, Kurth & Meyer (1989) investigaram as carreiras de nadadores. Os autores iniciam seu artigo considerando limitados os modelos de carreira, por sua aplicabilidade limitada. Um dos aspectos que destacaram é o fato destes modelos de carreira não incluírem as pausas e interrupções possíveis na carreira. Essas “descontinuidades” na carreira (HASTINGS, KURTH & MEYER, 1989, p.278) poderiam se dar pela prioridade orientada a outra carreira, de forma permanente ou temporária – a essa última forma, Hastings, Kurth & Meyer (1989, p.278), nomearam de “dormente”, em vez de “terminal”, como tipicamente era representada.

Para Hastings, Kurth & Meyer (1989) a reentrada na carreira ou reassunção dela ocorria “[...] quando as demandas de outras carreiras diminuem, ou as prioridades se deslocam, ou os recursos mudam” (HASTINGS, KURTH & MEYER, 1989, p.279, tradução nossa). Ainda, segundo os autores, a inclusão de fases de “dormência” e “reentrada” facilitavam a análise do movimento entre as carreiras, bem como a mudança de padrões de envolvimento na carreira esportiva durante o curso de vida (HASTINGS, KURTH & MEYER, 1989, p.279, tradução nossa).

Embora a abordagem sobre a carreira proposta por Hastings, Kurth & Meyer (1989) não esteja tão próxima do estudo aqui proposto – o curso de vida é tomado pelos autores como uma categoria representada de modo etário, por exemplo –, os aspectos destacados acima são considerados importantes por enfocarem elementos que

enriquecem a análise da carreira. As possíveis alternâncias, interrupções e retomadas dentro dos estágios de envolvimento no lazer sério e de suas fases de desenvolvimento se tornam elementos-chave quando consideramos estudos ancorados em uma perspectiva que compreende o desenvolvimento ao longo da vida dos sujeitos.

Dois estudos que ajudam a entender melhor os elementos da carreira no lazer são os de McQuarrie & Jackson (1996, 2002), em que os autores analisaram o que chamaram de “condições limitantes” em suas relações com o “lazer sério”. Uma ausência marcante na literatura sobre a carreira, segundo McQuarrie & Jackson (2002) é a temática das “condições limitantes”¹⁵ e como elas podem influenciar as transições de carreira. “Uma condição limitante pode ser definida como qualquer barreira que restrinja um indivíduo de realizar uma ação desejada” (MCQUARRIE & JACKSON, 2002, p.38, tradução nossa). No primeiro estudo, McQuarrie & Jackson (1996) analisaram a “negociação das condições limitantes” na participação no “lazer sério” de praticantes de patinação no gelo. O termo “negociação das condições limitantes” se referia na literatura relacionada às formas como os sujeitos “lidam com obstáculos ou barreiras” na participação do lazer (MCQUARRIE & JACKSON, 1996, p.461, tradução nossa).

Para McQuarrie & Jackson (1996), o conceito de “lazer sério” contemplava a existência de “condições limitantes” no lazer e os posicionamentos dos sujeitos de forma que os permitia lidar com essas condições a partir da adoção de diferentes estratégias. Uma das proposições que se destaca no artigo de McQuarrie & Jackson (1996) consiste na consideração de que “a necessidade de perseverar” e o “esforço pessoal significativo” presentes na teoria de Stebbins (2008, p.11) poderiam ser

¹⁵ *Constraints*.

reinterpretados por “negociação das condições limitantes”. Ainda, que as “condições limitantes estruturais”, que modificam a participação no lazer, e as “condições limitantes antecedentes”, que afetam as preferências de lazer e podem ser intrapessoais ou interpessoais, ocorreriam de forma simultânea e não linearmente como anteriormente foi proposto (1996, p.462-463, tradução nossa). Além disso, McQuarrie & Jackson (1996) apresentam formulações a respeito das “negociações de condições limitantes”, identificando-as dentro de “cinco estágios progressivos da carreira de lazer” – (1) “tornando-se um potencial participante”, (2) “iniciando no esporte”, (3) “desenvolvimento”, (4) “estabelecimento”, (5) “declínio” ou “afastamento” (MCQUARRIE & JACKSON, 1996, p.467-474, tradução nossa). McQuarrie & Jackson (1996), julgaram que analisar as atividades de “lazer sério” poderia ampliar o conhecimento das “negociações das condições limitantes” e vice-versa.

No segundo estudo, McQuarrie & Jackson (2002) revisaram estudos no contexto do “lazer sério” e das “condições limitantes”, propondo-se a identificar estratégias de negociação na “carreira do trabalho” que se assemelham às encontradas na “carreira de lazer”. McQuarrie & Jackson (2002) traçaram paralelos entre as duas carreiras e discutiram três proposições que servem para pensar sobre as carreiras: (1) “em todos os estágios de uma carreira de trabalho, as condições limitantes não são necessariamente obstáculos intransponíveis, mas podem ser negociadas entre os participantes”; (2) “respostas às condições limitantes encontradas não são necessariamente passivas”; e, (3) “[...] condições limitantes podem causar a transição na carreira, tanto visível quanto invisível” (MCQUARRIE & JACKSON, 2002, p.47-48, tradução nossa).

Hierarquia

A investigação recente de Lewis, Patterson & Pegg (2013) também trouxeram contribuições importantes para o entendimento da carreira no lazer. Trata-se de um estudo sobre pilotos de corrida de motos. Os autores chamaram a atenção para o fato de que muitos estudos tem se voltado às gangues de motociclistas, porém, segundo eles, não havia estudos sobre o “mundo do lazer sério” dos pilotos de corrida. Lewis, Patterson & Pegg (2013) analisaram entrevistas abertas estruturadas feitas com oito competidores de nível nacional da Austrália. Baseados na “teoria fundamentada” (GLASER & STRAUSS, 2006), Lewis, Patterson & Pegg (2013) buscaram compreender as interpretações dos pilotos sobre seu engajamento e escolha pelo “lazer sério”.

Um aspecto interessante que Lewis, Patterson & Pegg (2013, p.180) destacaram é que a corrida de moto é considerada um esporte de homens da classe trabalhadora australiana. Enquanto em um nível internacional os pilotos dependiam de patrocinadores para financiar sua participação nas competições, em nível local os recursos eram próprios dos competidores ou de seus familiares. Mesmo sendo um esporte de alto custo e ainda, de alto risco de morte ou ferimentos, os números de adeptos que aumentaram em 13% entre 2003 e 2008 pareciam indicar uma popularização das corridas de moto na Austrália.

O objetivo de Lewis, Patterson & Pegg (2013) foi o de determinar se os pilotos identificavam uma hierarquia na carreira e se assim fosse, em que medida ela correspondia às formulações de McQuarrie & Jackson (1996) sobre os “cinco estágios progressivos da carreira de lazer”. Ao final, Lewis, Patterson & Pegg (2013, p.187) apresentam um modelo que desenvolveram descrevendo a “hierarquia dos pilotos” de

acordo com a percepção dos entrevistados. No modelo, Lewis, Patterson & Pegg (2013), posicionaram graficamente os cinco níveis hierárquicos que identificaram. Os níveis foram dispostos de forma que o primeiro nível “novato” (mais baixo) ficava dentro do “lazer casual”, os dois níveis posicionados acima, “particular” e “semi-profissional” encontravam-se dentro do “lazer sério”, enquanto eram representados ainda dois níveis mais altos que estes, o “satélite” ou “piloto em desenvolvimento” e o “Piloto do Patrocinador” (o mais alto nível). Dos mais altos níveis, um ficou posicionado entre o “trabalho pago” e o “lazer sério” e o nível mais alto ficou posicionado dentro do “trabalho pago”, mostrando que parte dos pilotos recebia para competir.

Ao buscarem correspondências com as formulações de McQuarrie & Jackson (1996) sobre os “cinco estágios progressivos da carreira de lazer”, Lewis; Patterson & Pegg (2013) destacaram o último estágio denominado “declínio”. Esse estágio foi “caracterizado pelo aumento da idade, lesões cumulativas e diminuição de habilidades físicas” (LEWIS; PATTERSON & PEGG, 2013, p.189). No caso dos pilotos, a idade foi identificada como uma barreira que restringia o movimento de avanço na carreira, entretanto, alguns continuavam no esporte como forma de encontrar outros pilotos, familiares e amigos jovens e velhos, além e ajudar aos pilotos mais jovens atuando como seus mentores.

Críticas à Carreira

Dentre as contribuições de diferentes autores, também houve críticas em torno da proposta de carreira no lazer, embora tenham sido relativamente poucas, comparadas com o número de publicações sobre a PLS. Tratando-se de complexidade, a PLS ao

mesmo tempo em que indica interfaces complexas do lazer e do trabalho, a seriedade, a “apropriação do tempo livre” a partir de uma lógica do capital, entre outras, parece oferecer enquadramentos limitantes na forma de olhar o lazer – como, por exemplo, os tipos de praticantes (BRABHAM, 2012), a intensidade de envolvimento e que atividades podem ser consideradas pertencentes a cada tipo de lazer (ARAI & PEDLAR, 2003), entre outras. Em outras palavras, embora as análises empíricas que sustentam tais proposições contemplem essa complexidade – a maioria em trabalhos etnográficos, com entrevistas em profundidade –, as sínteses conceituais e as classificações propostas não parecem dar conta de expressar sua profundidade.

Stan Parker (1996) explorou em que medida o conceito e prática do “lazer sério” está correlacionado com os valores e comportamentos da classe média, buscando posicioná-los lado a lado e verificar sua compatibilidade. A partir de seu estudo, o pesquisador entendeu que há evidências de que as atividades de “lazer sério” são mais frequentemente praticadas por pessoas da classe média do que por pessoas da classe trabalhadora.

Parker (1996) considerou que a “carreira” não poderia ser uma característica definidora do “lazer sério” por sua variabilidade e destacou dois pontos sobre essa questão. O primeiro se refere ao fato de que o termo “carreira” é essencialmente do trabalho. “Não há razão pela qual não deva ser importado para outros campos além do trabalho”, argumentou Parker (1996, p.327, tradução nossa), “mas devemos estar cientes dos perigos de conceituar o lazer através de termos do trabalho e não de seus próprios termos [específicos do lazer]”, continuou. O segundo ponto destacado por Parker (1996) é que a “carreira” é essencialmente um conceito da classe média. Sem entrar no debate sobre as possibilidades ou utilidades da análise de classe nos estudos

sociológicos, o argumento de Parker (1996) foi o de que são as pessoas reconhecidas como pertencentes à classe média que falam sobre suas próprias “carreiras” e consideram os estágios de progressão formulados por Stebbins (2014a). Para Parker (1996), as pessoas da classe trabalhadora não tinham “carreiras” e, sim, apenas empregos, quando “tinham sorte suficiente para obtê-los” (PARKER, 1996, p.328, tradução nossa).

Ao focar-se sobre os valores da classe média ou padrões de comportamento, Parker (1996) utilizou uma listagem desses valores de acordo com a proposta de Cohen (1955¹⁶, *apud* PARKER, 1996, p.328), indicando correspondências desses valores com o “lazer sério”. A lista, composta por nove valores, foi expandida por Parker (1996, p.328, tradução nossa) e relacionada com as seis características distintivas do “lazer sério”: 1. Ambição; 2. Responsabilidade individual; 3. Cultivo e posse de habilidades; 4. Realizações tangíveis; 5. Gratificação adiada (comumente chamada ascetismo); 6. Racionalidade; 7. Condutas, cortesia e personalidade; 8. Controle da agressividade física; 9. Gastos com lazer de forma construtiva; 10. Respeito pela propriedade.

De acordo com Parker (1996), esses valores poderiam ser correlacionados com as características do “lazer sério” se considerássemos a “carreira” como um tipo de ambição, a necessidade de “perseverança” como “cultivo e posse de habilidades”, por exemplo. Para formular suas considerações sobre as atividades de lazer de pessoas da classe média e da classe trabalhadora, a partir da Perspectiva do Lazer Sério, Parker (1996) utilizou os dados de seu estudo anterior (PARKER *et al.* 1993¹⁷, *apud* PARKER, 1996, p.329). Foram 30 sujeitos entrevistados, homens e mulheres da Austrália, tendo como base a classe (“trabalhadora” e “média”) e o tipo de lazer – “sério”, “casual”, e

¹⁶ COHEN, A.K. **Delinquent Boys**. Glencoe: FreePress, 1955.

¹⁷ PARKER, S. *et al.* Serious and other leisure: thirty Australians. **World Leisure and Recreation**, v. 35, n.1: pp. 14-18, 1993.

“parcialmente sério”, este último representando o tipo de lazer que contemplava pelo menos três dos critérios propostos por Stebbins (1992) para o “lazer sério”.

Os dados apresentados por Parker (1996) evidenciavam a prática mais frequente do “lazer sério” por pessoas da classe média, entretanto, a amostra era bem pequena para se generalizar qualquer afirmação sobre isso. Por fim, Parker (1996) dá a impressão de que está considerando o conceito de “carreira” apenas em sua dimensão objetiva, ao escrever que pensa ser possível ser um bom amador, praticante de hobby ou voluntário, sem uma carreira. Outra afirmação importante feita por Parker (1996), ao concluir seu estudo, é de que, se o “lazer sério” crescer no futuro, isso se deve primariamente às pessoas com valores da classe média.

Há críticas de Chris Rojek (2000) também sobre a PLS. Rojek (2000, p.18-21) argumentou que, embora essa perspectiva contribuísse substancialmente para os estudos do lazer, existiam três problemas em sua formulação. O primeiro problema está relacionado a uma dimensão moral inexistente, pois são consideradas apenas atividades consideradas socialmente aceitáveis, excluindo assim atividades desviantes e não oferecendo uma base moral para distinguir entre atividades de lazer.

O segundo problema, segundo Rojek (2000, p.18-21), é que a forma como a “carreira” é apresentada no “lazer sério” faz com que se ignore a importância da espontaneidade maior que há no “lazer casual”. E por último, a “Perspectiva” não oferece base para um exame do lazer como um fundamento para mudanças sociais. Essas observações foram vistas por Stebbins (2003) como indícios de que são necessários mais estudos, incorporando formas de lazer sério e casual desviante e não-desviante e suas combinações na vida diária dos indivíduos. Além disso, Stebbins (2003, p.455, tradução nossa) reconhece que as investigações “[...] não devem parar em

um nível micro-analítico, como foi a tendência no passado [...], mas passar a incluir preocupações macro-analíticas, entre elas o papel de ambas as formas de mudanças sociais e integração social”.

Considerações Finais

Apesar de o conceito de carreira direcionar em geral nossos pensamentos para áreas profissionais, é possível perceber a importância que se revela ao entendermos como a carreira pode ser reconhecida em atividades de lazer. Essa possibilidade é realçada na Perspectiva do Lazer Sérioso, considerando a carreira como uma trajetória da pessoa que pratica a atividade de lazer de forma sistemática. Essa trajetória surge a partir da descoberta acidental ou contato memorável com a atividade de lazer e se delinea a partir de contingências específicas, *turning points*, níveis de intensidade de envolvimento, estágios de desenvolvimento e, em alguns casos, dentro de hierarquias, originando formas particulares nas práticas de lazer.

Dentre as proposições teóricas que embasam o conceito de carreira lazer, destacam-se as de Goffman (1974), acrescidas de uma série de estudos de autores que têm contribuído nas últimas décadas com o desenvolvimento do conceito, sem contar com as produções de Stebbins (1970 – 2014). O que parece haver em comum entre as contribuições é que todas essas propostas nos colocam diante de possibilidades relacionadas a práticas que fazem sentido à pessoas envolvidas nas atividades (de lazer) a partir dos desdobramentos que apresentam em suas realizações (carreira). Certamente, essa é apenas uma faceta de uma dimensão da experiência das pessoas no lazer – importante, capaz de gerar realização pessoal, e contribuir com o desenvolvimento social, cultural e comunitário.

Dentre as contribuições de diferentes autores relacionados ao exame da PLS e da carreira, foi possível identificar críticas sobre as concepções elaboradas. Essas críticas auxiliam no desenvolvimento de um posicionamento crítico diante da possibilidade de carreira no lazer. Porém, infelizmente é rara a publicação de críticas e, além disso, parte delas apresenta pouca consistência, revelando um baixo conhecimento da proposta. Sobre a PLS, mesmo que os autores apresentem formas interessantes para explicar a carreira no lazer, identificando suas diversas características, é possível perceber que se explora pouco os aspectos considerados fundamentais da interpretação dos sujeitos sobre a própria carreira. Isso faz pensar sobre as possibilidades de novos estudos e, sobretudo, a possibilidade de estudos sobre o lazer no Brasil. Como seria vista a carreira dos participantes do nosso Carnaval, por exemplo? Como dar conta da complexidade de participações, graus e tipos de envolvimento, por exemplo? Indo para os esportes, a carreira de idosos que decidem por praticar um esporte de forma sistemática, ou não, poderia ser vista a partir da PLS. São apenas algumas possibilidades que se abrem sob uma relativamente nova perspectiva do lazer.

Até o momento não há qualquer livro sobre a PLS em português. Fica aqui mais um esforço por tornar essa proposição teórica acessível, diminuindo assim sua marcante ausência no meio acadêmico brasileiro. Além da necessidade de explorar a estrutura fundamental da teoria e promover reflexões em torno das possibilidades da PLS, entendemos como importante a tradução cuidadosa dos termos que envolvem as proposições teóricas. Acreditamos que a PLS, por suas características, apresenta possibilidades interessantes de novas direções para os estudos do lazer no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ARAI, Susan; PEDLAR, Alison. Moving beyond individualism in leisure theory: a critical analysis of concepts of community and social engagement. **Leisure Studies**, v.22 p.185–202, 2003.
- BECKER, Howard Saul. The Career of the Chicago Public Schoolteacher. **American Journal of Sociology**, Vol. 57, No. 5, The Sociological Study of Work, p. 470-477, 1952.
- _____. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BLANKENSHIP, R. L. **Organizational Careers: an interactionist perspective**, n.14, p. 88–98, 1973.
- BRABHAM, Daren C. The myth of amateur crowds: a critical discourse analysis of crowdsourcing coverage. **Information, Communication & Society**, v. 15, n. 3, p. 394-410, 2012.
- CAMPBELL, Donald T. Social attitudes and other acquired behavioral dispositions. In: KOCH, Sigmund (ed.). **Psychology: a study of science**, v.6, 1963.
- COLLIN, Audrey; YOUNG, Richard A. New directions for theories of career. **Human Relations**, v. 39, n. 9, p. 837–853, 1986.
- GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm L. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research**. London: Transaction, 2006.
- GOFFMAN, Ervin. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- HALL, O. The stages of a medical career, **American Journal of Sociology**, v.53, n. 5, p. 327–336, 1948.
- HASTINGS, Donald W. The ethos of Masters swimming. **International Review of Sport Sociology**, v. 18, n. 3, p. 31–50, 1983.
- HASTINGS, Donald W.; KURTH, Suzanne B.; MEYER, Judy. Competitive swimming careers through the life course. **Sociology of Sport Journal**, v. 6, n. 3, 1989.
- HASTINGS, D. W.; KURTH, S. B.; SCHLODER, M.; CYR, D. Reasons for participating in a serious leisure career: comparison of Canadian and US Masters swimmers. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 30, n. 1, p. 101–122, 1995.
- HEUSER, Linda. We're not too old to play sports: The career of women lawn bowlers. **Leisure studies**, v. 24, n. 1, p. 45-60, 2005.
- HEWITT, J. P. **Self and Society: a symbolic interactionist social Psychology**. Boston: Allyn and Bacon, 2003.

HUGHES, Everett C. Institutional office and the person. **American journal of sociology**, p. 404-413, 1937.

HUGHES, Everett C. **Men and Their Work**. New York: The Free Press, 1958.

LEWIS, Jan; PATTERSON, Ian; PEGG, Shane. The serious leisure career hierarchy of Australian motorcycle road racers. **World Leisure Journal**, v. 55, n. 2, p. 179-192, 2013.

LINDESMITH, Alfred R.; STRAUSS, Anselm L. **Social Psychology**. 3rd ed. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1968.

MCQUARRIE, F.; JACKSON, E. L. Connections between negotiation of leisure constraints and serious leisure: an explanatory study of adult amateur ice skaters. **Society and Leisure**, v. 19, n. 2, p. 459-483, 1996.

MCQUARRIE, Fiona AE; JACKSON, Edgar L. Transitions in leisure careers and their parallels in work careers: The effect of constraints on choice and action. **Journal of Career Development**, v. 29, n. 1, p. 37-53, 2002.

MEAD, George H. **The Philosophy of the Act**. Chicago: The University of Chicago Press, 1938.

MURRAY, K. D. Justificatory accounts and the meaning of the marathon as a social event. **Australian Psychologist**, v. 20, n. 1, p. 61-74, 1985.

NOSOW, Sigmund; FORM, William H.(eds.). **Man, Work and Society**. New York: Basic Books, Inc. Polsky, Ned, 1962.

OLIVEIRA, Saulo Neves; DOLL, Johannes. O Serious Leisure de Robert A. Stebbins. **Licere**, Belo Horizonte, v.17, n.1, mar. 2014.

PARKER, S. Serious Leisure - A Middle-Class Phenomenon? **Leisure Studies Association (LSA)**; v. 2 n. 49, p. 327-332, 1996.

PATTON, Michael Quinn. **Qualitative evaluation & research methods**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage, 2002.

PRAHL, Hans-Werner. **Soziologie der Freizeit**. Paderborn: Schöningh, 2002.

PRUS, R. Career contingencies: examining patterns of involvement. In: THEBERGE, N.; DONNELLY, P. (Eds). **Sport and the Sociological Imagination**. p. 297-317. Fort Worth: Texas Christian University Press, 1984.

ROJEK, Chris. **Leisure and Culture**, New York: Palgrave, 2000.

SIEGENTHALER, Kim L.; O'DELL, Irma. Older golfers: Serious leisure and successful aging. **World Leisure Journal**, v. 45, n. 1, p. 45-52, 2003.

SNYDER, E. F. The social world of shuffleboard: participation by senior citizens. **Urban Life**, v.15, n. 2, p. 237–253, 1986.

STEBBINS, Robert A. Career: The Subjective Approach. **The Sociological Quarterly**, v. 11, n. 1, p. 32-49, 1970.

STEBBINS, Robert A. **Amateurs**: professionals and serious leisure. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1992.

STEBBINS, Robert A. **Serious leisure**: A conceptual statement. *Pacific Sociological Review*, 25, p. 251-272. 1982.

STEBBINS, Robert A. Serious Leisure. In: JENKINS, John; PIGRAM, John (Ed.). **Encyclopedia of leisure and outdoor recreation**. Routledge, 2003.

STEBBINS, Robert A. Serious Leisure. In: ROJEK, Chris; SHAW, Susan M.; VEAL, A.J. A. (Eds.). **Handbook of Leisure Studies**. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

STEBBINS, Robert A. **Serious Leisure**: a perspective for our time. New Jersey: Transaction, 2008.

STEBBINS, Robert A. **The Idea of Leisure**: first principles. New Jersey: Transaction, 2012.

STEBBINS, Robert A. **Career in Serious Leisure**: from dabbler to devotee in search of fulfillment. London: Palgrave Macmillan, 2014a.

STEBBINS, Robert A. **Between Work and Leisure**: the common ground of two separated worlds. New Jersey: Transaction, 2014b.

Endereço dos Autores:

Saulo Neves Oliveira
UFRGS / FACED / PPGEduc
Av. Paulo Gama, s/nº, prédio 12.201, 7º andar
Porto Alegre – RS – 90.046-900
Endereço Eletrônico: sauloneves@ibest.com.br

Johannes Doll
UFRGS / FACED / PPGEduc
Av. Paulo Gama, s/nº, prédio 12.201, 7º andar
Porto Alegre – RS – 90.046-900
Endereço Eletrônico: johannes.ufrgs@gmail.com